VANGUARDA: O QUE SE FAZ, O QUE SE DIZ, O QUE SE PENSA. GENTE, NOTÍCIA, OPINIÃO

Antunes Severo
CES / ÚNICA

> *O silêncio reinava na Capital naquele horário. Udenistas e pessedistas, agora na Arena ou no Mdb, paravam para ouvir o noticiário, as crônicas, os comentários. Todos temperados pela ironia e irreverência sutis de Adolfo Zigelli. (Medeiros, Vieira. 1999).*

De como nasceu Vanguarda

O programa de radiojornalismo *Vanguarda* é a fase mais elaborada de um ciclo iniciado com o informativo *Governo do Estado em Foco*, em 1956 que se transformou em *A Marcha dos Acontecimentos* e terminou como *Vanguarda,* em 1975.

No espaço de vinte anos e numa seqüência ininterrupta, os três programas caracterizam o surgimento, o amadurecimento e a mais alta evolução do radiojornalismo em Santa Catarina. Neste artigo trata-se dessa metamorfose.

A transmissão de notícias, relatos e interpretação dos fatos por intermédio do rádio data do início das primeiras transmissões regulares em 1920, nos Estados Unidos. Também no Brasil o rádio teve sua motivação inicial ligada à notícia. O presidente Epitácio Pessoa incluiu o rádio como um dos marcos para assinalar as comemorações do primeiro centenário da Independência Brasileira e como um dos principais símbolos que deveriam indicar o rompimento definitivo com o passado colonial da Nação.

Calabre (2002, p. 10-11), a propósito comenta: "*Assim sendo, não poderia haver momento mais propício para apresentar à sociedade brasileira uma das mais recentes novidades tecnológicas que encantava o mundo: o rádio!*".

O uso do rádio como instrumento de propaganda ideológica é fato notório na história das comunicações no Brasil. Foi assim nas eleições presidenciais de 1930, na Revolução Constitucionalista de 1932, na convocação da Assembléia Constituinte em 1934, na Intentona

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

Comunista de 1935, no Estado Novo em 1937, na Ação Integralista de 1938, na criação do DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda em 1939, na declaração de guerra contra as forças do Eixo, na segunda Guerra Mundial em 1942, na volta dos Pracinhas[1] ao Brasil em 1945, na deposição de Getúlio Vargas também em 1945, na eleição do general Eurico Gaspar Dutra em 1946, na eleição que trouxe Vargas de volta à presidência em 1951, na morte de Getúlio Vargas em agosto de 1954, na eleição de Juscelino em 1956, na renúncia espetacular de Jânio Quadros em 1961, nas peripécias do governo João Goulart, na *Marcha com Deus pela Família e Liberdade*, no levante militar para tomar o poder e no movimento da *Cadeia da Legalidade* em 1964. Daí em diante é história recente.

Vanguarda nasceu depois desses fatos. Mas sua têmpera foi forjada em boa parte nesses episódios. Porque os programas jornalísticos são o produto da experiência de seus criadores. E têm vida como os seus idealizadores: nascem, crescem, ficam maduros, envelhecem e morrem. Menos *Vanguarda*. *Vanguarda* morreu prematuramente.

De como surgiram os fatos que aqui são narrados

> *Feliz da geração que viveu os tempos de ouro do rádio brasileiro. Feliz da geração que viveu os tempos do rádio de Santa Catarina. Quem não teve essa felicidade não pode imaginar – a palavra certa é: imaginar – o que é ser informado, divertir-se e sonhar ao som do rádio. (Paulo Brito, 1999)*[2].

Candidato ao governo do Estado por uma coligação de partidos liderados pela União Democrática Nacional, trazendo nos braços promessas de renovação, desenvolvimento, educação, saúde, estradas, mais trabalho e renda para as populações carentes, aporta em Joaçaba, oeste do estado de Santa Catarina, o deputado Jorge Lacerda[3] para um comício de campanha. Os preparativos – que não incluíam shows artísticos e outros recursos do marketing político atual – se limitavam a uma praça, um coreto, um serviço de alto-falantes e gente comprometida ou interessada na candidatura. Como, por exemplo, os irmãos Zigelli.

[1] Designação carinhosa para identificar os soldados brasileiros que participaram da II Guerra Mundial.
[2] Na apresentação de História do Rádio em Santa Catarina.
[3] Advogado, médico e jornalista. Foi diretor do suplemento de Letras do Correio da Manhã no Rio de Janeiro.

Walter e Adolfo Zigelli fazem parte desse fato político, por defenderem uma legenda partidária e por exercer papel social ativo ao se exporem publicamente defendendo suas idéias. Walter e Adolfo são redatores do semanário Cruzeiro do Sul e locutores da Rádio Sociedade Catarinense, de Joaçaba. Atuantes e criteriosos no cumprimento de suas atividades profissionais garantem o sucesso do comício. A presença de grande público é demonstração do empenho da UDN local e da receptividade ao nome do candidato. O entusiasmo é tal que Jorge Lacerda, ao final, ali mesmo na praça, dirige-se aos jovens colaboradores e declara solenemente:

"Se eu for eleito vou chamar vocês para trabalhar comigo".

Sorrisos contidos, alguns embaraçados e outros espontâneos não deixavam dúvidas: "é promessa que jamais será cumprida". Dita por um político em campanha a frase só podia ser uma gentileza, nunca um compromisso. Jorge, entretanto, conhecia o trabalho deles. Candidato e depois deputado federal tinha referências da atuação da dupla há mais tempo.

Jorge elege-se, assume o governo e manda chamar os dois profissionais. Decorria o ano da graça de 1956. Walter, 22 e Adolfo, 20, um mês depois chegam à Ilha de Santa Catarina. Funções: Walter, oficial de gabinete do governador Jorge Lacerda e Adolfo oficial de gabinete de Brasílio Celestino de Oliveira (também joaçabense), secretário do Interior e Justiça. Missão: divulgar, promover e defender os atos do governo na imprensa local.

O impacto da chegada à Capital, reconhece Walter, não é dos mais favoráveis. A ilha de Santa Catarina para quem vivia no oeste do estado soava como algo muito distante e estranho: um lugar de funcionários públicos pouco dispostos ao trabalho. Também o fato de não haver ligações telefônicas ou rodoviárias satisfatórias entre o Oeste e o Litoral pesam negativamente no julgamento de todos. A cidade é pequena, com ruas pouco iluminadas, muito estreitas e mal conservadas. Nada lembra as ruas asfaltadas, as praças arborizadas, os largos cercados de vultosos edifícios e o brilho de Porto Alegre, a cidade que os Zigelli tinham como referência do "que devia ser uma Capital". Aliás, nessa época a Capital do Oeste de Santa Catarina era mesmo Porto Alegre. É mais perto, as estradas são melhores e a população do Oeste é praticamente toda oriunda do Rio Grande do Sul. Mas, o que fazer, se o futuro apontava para outra direção?

Santa Catarina e o Brasil vivem sob a égide da democracia e sob o comando de duas fortes correntes partidárias: PSD – Partido Social Democrático e UDN – União Democrática Nacional. Cada partido tem seus próprios canais de "comunicação oficial" e mais os outros que de uma ou outra maneira se posicionam em função de seus interesses. O PSD controla o jornal O ESTADO e a Rádio Guarujá. O ESTADO, tradicional e com larga penetração em grande parte de Santa Catarina e a Rádio Guarujá, primeira emissora de Florianópolis, também com boa cobertura estadual. A UDN tem seus simpatizantes na mídia impressa representados pela A Gazeta e Diário da Tarde e mantém a Rádio *Diário da Manhã* para defender os interesses do partido e de seus liderados. As emissoras Anita Garibaldi, Santa Catarina e Jornal A verdade seguem caminhos um pouco diferentes. A Anita Garibaldi diz-se "independente", mas mantém laços de compromisso com o PSD; a Santa Catarina é de propriedade de um deputado da UDN e a Jornal a Verdade se considera e age como livre atiradora, exercendo papel panfletário, o que lhe rende a fama de ser pouco confiável.

Vanguarda e sua força arrasadora têm seu nascedouro nesse contexto. O programa transmitido pela Rádio *Diário da Manhã*, de Florianópolis é o mais alto estágio de uma série iniciada com os informativos *Governo do Estado em Foco* e *A Marcha dos Acontecimentos*. *Vanguarda* começou em 1967 e terminou em 1975, na condição do mais importante programa de radiojornalismo opinativo de Santa Catarina.

A Rádio *Diário da Manhã* foi instalada em 1955 por iniciativa do banqueiro e então governador de Santa Catarina, Irineu Bornhausen. A emissora tornou-se notável graças aos avanços da eletrônica e à sensibilidade artística do seu primeiro diretor, o ex-deputado pela UDN, Francisco Mascarenhas que abriu as portas da emissora a profissionais de outras regiões do país e até da América Latina. Também foi valorizada pela visão cultural e política do governador Jorge Lacerda e firmou-se como um importante meio de comunicação jornalística graças à competência de Adolfo Zigelli, um jovem radialista carregado de idealismo.

Outro fator preponderante para o sucesso da empreitada foi o adequado uso da liberdade democrática vivida após a era Vargas. Num clima de muita euforia e predisposição às mudanças, a Rádio *Diário da Manhã* destaca-se pela inovação de sua proposta de trabalho nas quatro áreas básicas do rádio: música, dramaturgia, jornalismo e programas de variedades. No caso do jornalismo, a emissora parte da "Era Gillete Press" que se alimenta

das notícias recortadas dos diários, avança pela qualificação do conteúdo informativo incorporando técnicas de redação, editoração e reportagem e chega ao jornalismo investigativo com uma linguagem contundente e de respeito para com a verdade dos fatos e a inteligência dos ouvintes.

De como o mais simples prevalece sobre o complexo

> *A força que ateou fogo às maiores avalanches históricas, tanto de origem política como religiosa, foi desde o início a maravilhosa potência da palavra falada. (Adolf Hitler, 1923)*[4].

Os grandes momentos das civilizações tiveram na oralidade um dos mais completos e fortes meios de comunicação. A expressão oral é a que está mais próxima da essencialidade. Nada mais pungente do que um grito transido de dor. Nada mais imponente do que o silêncio. Nada mais sublime do que o tanger da oração ditado pela mais pura fé. Todos estes, são atos de singular simplicidade. E é nesta simplicidade que estão a força e a grandeza da comunicação oral por natureza e de onde o rádio tira o seu imenso poder. O rádio é o veículo da fé. Ou, como afirma Adriana Duval[5]: "*O veículo, cuja audiência se torna hábito, é sinônimo de fonte da verdade*".

A identificação da simplicidade como uma qualidade singular do rádio tem levado, por vezes, a juízos equivocados. Como aquele defendido por Adorno[6] que considera o rádio como "um instrumento da indústria cultural, um produto das relações de mercado, um bem de consumo, uma manifestação coisificada". Outra mácula que atinge o rádio é o uso feito por líderes como Hitler, Mussolini e outros das Américas, na tentativa de atingir objetivos de dominação. Ou, o que é pior ainda: o uso indiscriminado do rádio como instrumento de manipulação a serviço dos interesses mercadológicos do capitalismo degenerado.

---

[4] MEIN KAMPF. Livro basilar do nazismo, concebido por Hitler enquanto esteve preso na fortaleza de Landsberg, após o fracasso do *Putsch* de Munique em novembro de 1923.
[5] O profeta no ar: a figura do locutor em a Guerra dos Mundos. In Rádio e Pânico. Eduardo Meditsch, p. 38. Florianópolis: Insular, 1998.
[6] ADORNO, Theodor, apud Valci Zuculoto: Os intelectuais diante do rádio nos anos 30 e 40, p. 120-121. In Rádio e Pânico. Eduardo Meditsch. Florianópolis: Insular, 1998.

Não obstante os diferentes usos a que o rádio possa se prestar, a sua aplicação no relacionamento com os mais diferentes públicos é um dos mais abrangentes e fortes entre todos os demais meios.

O exemplo da Rádio *Diário da Manhã* não é diferente. Florianópolis é uma das menores e mais pacatas capitais brasileiras. À época, ainda se move ao balanço das charretes de tração animal do sistema de transporte de aluguel. O Estado, com pouco mais de um por cento do território brasileiro, contrasta pela dinâmica de sua indústria que se ombreia com São Paulo, em produtos manufaturados. Os catarinenses mal chegam aos dois por cento da população nacional, mas praticam um sistema minifundiário de distribuição de terras que se destaca no país.

Acresça-se a isso o fato da Capital estar localizada numa ilha que teve destacado realce na história da colonização do país e que é notável pela exuberante beleza plástica, pela diversidade da fauna e da flora e pelo clima tropical que mantém a invejável média anual de temperatura em torno de 17 graus centígrados.

Neste cenário implanta-se moderna e potente emissora de radiodifusão amparada pela mais recente tecnologia desenvolvida pela Philips holandesa, representada por um transmissor em ondas médias e outro, mais potente, em ondas curtas. Mesmo sendo a terceira emissora a instalar-se na Capital, a Rádio *Diário da Manhã*, destaca-se logo de início pela diversidade da programação, por um elenco de profissionais vindos de várias partes do Brasil, pela qualidade incomparável do som e pela cobertura que atinge todo o país e, em alguns horários, também várias partes da América, da Europa e da Ásia.

Estes fatos colocaram o pequeno estado de Santa Catarina e sua meiga Capital diante da ofuscante luz dos holofotes planetários.

De como os irmãos Zigelli transformaram a leitura do Diário Oficial do Estado no programa de maior repercussão do rádio catarinense

> *Nós fazíamos o programa com tanto entusiasmo, hoje eu digo que nós exagerávamos, mas naquela época a gente acreditava no próprio exagero, na própria mentira. Nós estávamos plenamente convencidos de que o nosso partido, aquele nosso movimento era para salvar o*

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

> *mundo e que nós éramos os santos e os outros os diabos. (Walter Zigelli[7]).*

Integrados à equipe de governo de Jorge Lacerda, os irmãos Zigelli vão a luta. O primeiro contato é com a Rádio *Diário da Manhã*. Recebidos pelo diretor, ex-deputado estadual pela UDN Francisco Mascarenhas, logo se inteiram da programação informativa existente e passam a definir uma estratégia de trabalho. Responsáveis pela divulgação do Governo, eles começam pelo que há de informação política: um programete, de uns 15 minutos de duração, que vai ao ar às 10 horas da manhã, de segunda à sexta-feira. A produção se resume na execução de trechos de dobrados militares servindo de característica (vinheta de abertura e encerramento) e a leitura pelo próprio diretor da rádio, dos atos do governo publicados no Diário Oficial do Estado.

Na semana seguinte está no ar O *Governo do Estado em Foco*, em novo horário, com novo conteúdo e nova roupagem, desde as vinhetas de abertura e encerramento, até as passagens entre blocos de notícias e do comentário final. Aliás, o programa entra nesta etapa com o importante reforço de Jaime de Arruda Ramos, experiente jornalista, analista político respeitado e impiedoso crítico de tudo o que fosse fora dos interesses da UDN. Este fato é ainda mais significativo porque o irmão de Jaime, também jornalista Rubens de Arruda Ramos, é o editor e colunista político de O ESTADO, porta-voz dos interesses defendidos pelo PSD. A guerra seria em família, mas guerra é guerra.

Comentando esta fase, Walter Zigelli[8], lembra que a fórmula do programa *Governo do Estado em Foco*, já vinha testada de Joaçaba onde a mesma equipe produzira e apresentara na Rádio Sociedade Catarinense o noticioso *UDN em Foco*. Em Joaçaba, lembra Walter, em vários dias da semana e quando se aproximavam as eleições, o programa é transmitido do auditório com a participação de líderes políticos, representantes da comunidade e eleitores mais politizados.

Em Florianópolis, o sucesso não se fez esperar. Ouvir a Rádio *Diário da* Manhã no horário das 12h30min passa a fazer parte dos hábitos da população. Cresce audiência e a repercussão do programa aumenta. Embora restrito aos atos, fatos e boatos do mundo político, o programa demonstra o seu potencial. Continua com a forte marca de jornalismo engajado,

[7] Refere-se a Rádio Sociedade Catarinense de Joaçaba. In História do Rádio Catarinense, p. 77.
[8] Em entrevista por telefone dia 21/03/2003.

mas já demonstra o nível de qualidade com que os assuntos são tratados. Emissoras do interior passam a entrar em cadeia para retransmitir o programa. Isso representa um incentivo a mais para responsáveis pela produção e apresentação e abria as portas para iniciativas ainda mais arrojadas. O *Governo do Estado em Foco* permanece com esse formato até 1958 quando deixa o ar para a entrada do programa *A Marcha dos Acontecimentos*.

De como a paixão por um ideal abre caminho para o mais aguerrido programa de radiojornalismo catarinense

> *Era um tempo de paixão. E (Adolfo) Zigelli era a expressão maior dessa paixão pela vida, um defensor radical da liberdade e um combatente contra a corrupção. Em razão desse clima, quando os militares tomaram o poder vivemos o mais incrível paradoxo: odiávamos a supressão das liberdades, mas amávamos o combate à corrupção. (Salomão Ribas Jr. [9]).*

Vencida esta fase pioneira, o radiojornalismo da emissora evolui no sentido da profissionalização. Cria-se a Divisão de Radiojornalismo da Rádio *Diário da Manhã,* outros programas noticiosos passam a ser apresentados com regularidade e melhor tratamento editorial. O próprio Adolfo Zigelli é contratado como locutor/noticiarista exclusivo do Repórter Renner[10], um programa inspirado na fórmula do Repórter Esso e também apresentado em quatro edições diárias e nos mesmos hoirários. Ainda nessa época Walter Zigelli afasta-se do programa para seguir os estudos que o levam à carreira de advogado e juiz de direito.

Esses fatos, mais a circunstância de que no ano de 1959 haveria campanha eleitoral para governador, levam Adolfo – agora líder de fato do radiojornalismo da emissora – a fazer a segunda grande modificação no programa. Mais do que a motivação política, a mudança visa responder às variações de um quadro mais geral: o mundo estava em ebulição. No dizer

[9] No texto de apresentação. In Moacir Pereira: Adolfo Zigelli, jornalismo de Vanguarda. Florianópolis: Insular, 1998.
[10] Transmitido também pelas rádios Guaiba de Porto Alegre e Bandeirantes de São Paulo.

de Esperidião Amin[11] em depoimento recente: "(...) *a década dos anos sessenta foi a mais (...) importante do ponto de vista do comportamento humano e de suas conquistas para si próprio e não para o 'seu rei' ou para 'a sua nação'"*. Ainda sob este aspecto, lembre-se das campanhas mundiais do "basta ao antigo", "viva o novo", "faça amor, não faça guerra". No Brasil de JK[12] vive-se, como disse Amin *"a bossa nova, o cinema novo, a Jovem Guarda, o avanço da televisão, o acesso ao automóvel",* sem contar as transformações provocadas pela industrialização e o êxodo dos campos para as cidades. Essas mudanças alcançam o estado, as lideranças culturais, políticas, religiosas e comunitárias, num movimento incontrolável, pois são interligadas e interdependentes.

A leitura desse momento perpassa pela mente de Adolfo Zigelli. A conclusão é de que não cabe mais um programa sectário, por melhor que tenha sido o seu desempenho. Outros segmentos exigem tratamento equivalente ao que vem sendo dado à política.

Como decorrência e agora com olhar amplo e equilibrado para os diferentes interesses dos ouvintes, surge *A Marcha dos Acontecimentos* que dá continuidade às técnicas que fizeram o sucesso do noticioso *Governo do Estado em Foco,* amplia a cobertura dedicando-se às demandas do cotidiano do público-ouvinte e se coloca na defesa da sociedade como um todo. Os acontecimentos futuros confirmam o acerto da mudança. Mesmo nos tempos da censura imposta pelos governos militares, *A Marcha dos Acontecimentos* mostra que a verdade pode ser inatacável e que a credibilidade também dá audiência.

De como Adolfo Zigelli conduz *Vanguarda* ao seu mais alto pedestal

> *Para muitos, ele foi o melhor jornalista catarinense de todos os tempos. Até hoje, sem sucessor. Tão admirado que até adversários da época reconhecem seu talento e valor. Adolfo Zigelli deixou muita saudade não só entre amigos e familiares: uma legião de ouvintes lembra-se do Vanguarda como se ele tivesse terminado há poucos meses. (Bonato, Cordeiro, 2203).*

O fato essencial que se observa na mudança de *A Marcha dos Acontecimentos* para *Vanguarda*, está no definitivo abandono do que resta de jornalismo engajado e passa-se ao

[11] Entrevista concedida para a tese de Mestrado de Antunes Severo em novembro de 2000.
[12] Juscelino Kubitschek de Oliveira, presidente da República: 31/01/1956-31/01/1961.

exercício do radiojornalismo profissional, marcado pelo compromisso com a sociedade e o respeito à dignidade das pessoas. Como disse Adolfo Zigelli:

> *"Os jornalistas não foram eleitos pelo povo. Logicamente não devem se atribuir uma missão e sim contar e comentar o que se passa. Essa tese se baseia na convicção de que no fundo, numa sociedade, a ignorância dos fatos é sempre prejudicial".*

O momento é desafiador. As mudanças previstas para o novo programa são arrojadas para um tempo de ditadura e temerárias para um veículo juridicamente frágil como o rádio. Mas a decisão está tomada.

Adolfo Zigelli faz anunciar pelas ondas médias e curtas da Rádio *Diário da Manhã*, na palavra de José Valério Medeiros:

> *"Bradesco, garantia de bons serviços, apresenta... VANGUARDA".*
> *"O que se faz, o que se diz, o que se pensa".*
> *"Gente, notícia, opinião. VANGUARDA".*

Políticos – udenistas e pessedistas, agora sob o signo da ARENA e do MDB -, empresários, profissionais liberais, professores, trabalhadores braçais e donas de casa, param para ouvir o noticiário, as crônicas e os comentários de *Vanguarda*. É sagrado. Meio dia e meia, entra o prefixo. Todo o mundo silencia. Praticamente a população inteira da cidade e de outras partes do estado, interrompe o que está fazendo para ouvir o rádio. As pessoas se acercam dos receptores nas salas, nos quartos, nas cozinhas, nos canteiros de obras, nas ruas e nos automóveis. Parece que todos sentem que precisam ouvir *Vanguarda*.

Mas, o que faz a maciça maioria ouvir *Vanguarda*, quando outros noticiários estão sendo transmitidos no mesmo instante em outras emissoras? As respostas estão além dos objetivos deste artigo. Entretanto, aqui cabem alguns depoimentos que ajudam a compreender-se a trajetória profissional de Adolfo Zigelli e sua obra: *Vanguarda*.

> *"Começava a se consolidar uma nova etapa, assinalada pela independência, modernização e vibrante atuação dos mais importantes veículos de comunicação. Milhares de ouvintes passam a admirar o já temido Zigelli de origem udenista, que fazia tremer a política provinciana com seu 'A Marcha dos Acontecimentos'.*

Rompendo os obstáculos do jornalismo partidário, introduzia o rádio-jornalismo da Capital no patamar da isenção e da imparcialidade. Era 'Vanguarda' o símbolo de uma época pioneira. A marca do próprio Zigelli". (Moacir Pereira, 1977).

"Adolfo Zigelli provocou a renovação da linguagem jornalístico-radiofônica, que deixou de lado os facciosismos para privilegiar informação objetiva, direta e enxuta, mas sobre tudo, provocativa e instigante". (Medeiros, Vieira, 1999).

"(...)Como jornalista (Adolfo Zigelli) procurou sempre colocar a objetividade acima do partidarismo político, mesmo sendo, durante muitos anos, um convicto udenista". (Raul Caldas Filho, 1975).

"Houve uma evolução para um rádio mais preocupado com a notícia, evidentemente com uma função crítica que o Adolfo sempre fazia dentro daquela filosofia de ridicularizar as coisas criando tipos humorísticos". (Walter Zigelli, 1999).

Depois que saiu do gabinete, encontrei no salão dos fundos um Zigelli quase furioso: - "Viu, Professor? Vou mostrar pro Jaime coisa nenhuma. Vou é rasgar tudo isso e não escrevo mais nada. Se tenho razão, por que não hei de escrever o que escrevi?". (Abelardo Souza, 1975).

Finalmente, eis o que o próprio Adolfo Zigelli pensa a respeito de sua profissão e do seu trabalho[13].

"Depois veio O Vanguarda, que eu pessoalmente considero como uma transformação radical no jornalismo em Santa Catarina. (...) Vanguarda começou a utilizar o humor para criticar alguma coisa antes que surgisse o Pasquim, que se especializou nessa linha. E não há dúvida que a mais terrível das críticas é aquela que se faz com ironia, com causticidade. E é por isso que eu acho que Vanguarda, que sempre foi feito em equipe, note bem, foi uma abertura muito grande". (...) "Pra mim jornalismo é, antes de tudo, denúncia. Mas denúncia fundamentada, com o resguardo da fonte informativa e a mais absoluta fidelidade à informação". (...) "Sou essencialmente um jornalista. (...) "Entendo a política como a participação e o interesse pelo bem comum. E, nesse sentido, sou um político extremado". (...) "Acho que, depois de tanto tempo de atividade diária, não preciso provar nada a ninguém. Quem ainda não me conhece, seguramente, não vai me conhecer mais".

Outro fator que teve decisiva influência sobre a vida do *Vanguarda* e do radiojornalismo catarinense, é o cuidado com que Adolfo Zigelli elabora as normas que mais tarde viriam a ser conhecidas como os atuais Manuais de Redação. De acordo com Moacir Pereira é "Importante sublinhar que o texto (do manual) precede o ingresso de Adolfo Zigelli

[13] CALDAS, Filho. O ESTADO, Caderno II, p. 4-5, edição de 20/07/1975.

na Faculdade de Direito. Surge como um marco entre o radialista liberal que veio de Joaçaba fazer sucesso em Florianópolis com um programa radiofônico partidário e uma nova concepção da profissão, em que o sectarismo da legenda política cede lugar a um jornalismo exercido com espírito público e consciência crítica, distanciada das paixões partidárias, mais independentes".

As regras de redação da Divisão de Radiojornalismo da Rádio *Diário da Manhã* foram precedidas da seguinte introdução:

> *"Comecemos com algo importante: aqui todos têm direitos. Mas, para obtê-los, lembre-se que existem deveres. É dever de quem reclama direitos cumprir os seus deveres.*
>
> *Em segundo lugar, também é importante recordar que aqui vivemos o nosso trabalho; e se aqui trabalhamos, vamos trabalhar juntos, num clima de cordialidade. É vantagem para cada um e vantagem para todos. Se algum colega lhe pedir a cobertura de um horário, faça o possível para atendê-lo. Lembre-se que amanhã quem pode desejar ir a uma festa ou a um cinema, é você. Se o seu colega faltar e não lhe prevenir, faça-o do mesmo jeito. No mínimo ele lhe será agradecido.*
>
> *Não cobre os favores que fizer. Um favor espontâneo – fique certo – sempre é retribuído, hoje ou amanhã.*
>
> *O rádio – no estágio atual do desenvolvimento brasileiro – é um veículo poderoso.*
>
> *Quando tiver que prejudicar alguém no interesse público, pense duas vezes. Quando tiver que favorecer alguém, em particular, pense dez vezes. Quando tiver que prejudicar o interesse público, nem precisa pensar: rasgue o que escreveu.*
>
> *O seu melhor crítico é você mesmo. Se você não estiver satisfeito como que produziu, imagine a insatisfação do seu superior.*
>
> *A sua missão é informar.*
>
> *Por isso, mantenha-se bem informado".*

De como *Vanguarda* sentiu a falta de Adolfo Zigelli e por não suportar, também morreu

> *É uma coisa terrível morrer de sede em meio ao mar. É realmente necessário que se ponha tanto sal na nossa verdade a ponto de torná-la incapaz de satisfazer a sede? (Friedrich W. Nietzsche)*[14].

[14] Aforismos e interlúdios. In Além do Bem e do Mal. São Paulo: WVC Editora, 2001.

Vanguarda é a expressão do pensamento de Adolfo Zigelli. O programa, em si, tem estrutura formal: notícias, comentários críticos a base de um humor sarcástico, mas respeitoso; editorial e, ao final, o Informe Confidencial. Este último quadro faz tremer os responsáveis pela coisa pública. Nele o programa traz à tona assuntos ou revelações que ainda se escondem nos desvãos dos detentores do poder.

Como destacam Bonato, Cordeiro (2003, p. 23) *"Uma parte especial do programa causava pânico geral entre os políticos. Todos ficavam atentos ao Informe Confidencial para ouvir qual seria a 'notícia bomba' do encerramento do programa"*. Um exemplo dessas 'alfinetadas' é este *Informe Confidencial* do dia 19 de outubro de 1971:

> "*Para que se tenha uma idéia de como estamos lutando pela refinaria, basta informar que na Sessão Especial da Assembléia em que o presidente do Conselho Nacional do Petróleo, general Araquém Oliveira fez uma palestra e se colocou a disposição da Assembléia para o debate do assunto, estavam presentes no plenário oito deputados. A Sessão foi improvisadamente convocada às pressas para as vinte horas e para preencher o plenário vazio encontrou-se uma solução: foram convocados alguns assistentes".*

Adolfo Zigelli, entretanto, teve que fazer uma opção crucial em 1975: continuar como jornalista ou exercer o cargo de Secretário de Imprensa do Governo de Santa Catarina. Convidado pelo governador Antônio Carlos Konder Reis, relutou muito antes de aceitar, como revelou no comentário "Até Breve" lido na edição do Vanguarda em 29 de maio de 1975. Com o comentário, Adolfo Zigelli se despede dos ouvintes, encerrando uma carreira de mais de 20 anos de atividades profissionais.

> *"Quando na metade de 1974, declinei dos convites que me foram feitos para concorrer a um posto eletivo, eu disse – talvez não com as mesmas palavras – que o exercício do jornalismo, como eu o entendo, exige desvinculação e distância de todos os sectarismos, sejam de natureza política, ideológica ou religiosa. O grau de credibilidade de um jornalista está na razão direta de sua independência em relação às forças de pressão que atuam na sociedade. (...) É por isso que deixo hoje este programa".*
>
> *"Convocado para uma função pública, com direta e permanente ligação com as fontes de poder e de decisão, não vejo como harmonizar a minha ação de jornalista, adaptando-a as funções de secretário de Estado. (...) Neste preciso momento, em que escrevo o que, talvez, possa representar minha última incursão no jornalismo diário e rigorosamente profissional, sinto-me como um peixe fora dágua. Não se jogam vinte anos de hábitos pela janela e – acreditem – é muito penoso depor as armas que*

empunhei, mal ou bem, durante tanto tempo. (...) Há, entretanto, la no fundo da minha personalidade, uma força irreprimível que me conduz ao palco dos acontecimentos e me arrasta, periodicamente, ao confronto com as tempestades que o chamado bom senso recomendaria evitar".

"Chamem essa tendência do que quiserem, mas não posso negar que ela existe e me empurra, até contra minha vontade, na direção das zonas conflagradas, onde os fatos estão acontecendo".

"Dez vezes decidi permanecer com esta coluna e onze vezes decidi que deveria fazer o contrário. Acho, entretanto, que este é o caminho honesto. Respeito profundamente os meus possíveis ouvintes, e não devo - e nem posso – compatibilizar o incompatível".

"Com um pouco de angústia, até breve".

Adolfo Zigelli

Adolfo Zigelli assumiu a Secretaria de Imprensa em junho e dois meses depois, em 30 de agosto de 1975 morreu vitimado pela queda do avião em que viajava, antes de chegar em Joaçaba, sua terra natal. Ainda no mesmo ano de 1975, o programa *Vanguarda* é tirado do ar por falta de audiência. O que teria matado *Vanguarda?*

As razões que levaram o programa *Vanguarda* a perder força e sucumbir ainda não foram suficientemente estudadas. O fato, porém, é que o interesse pelo programa foi caindo a ponto de levar a direção da emissora a tirá-lo do ar. Mas, o que teria provocado essa crescente queda de interesse por parte de uma audiência consolidada em tantos anos? A ausência de Adolfo Zigelli, com certeza, é uma das principais causas, mas outras circunstâncias de ordem administrativa e operacional da direção da emissora também contribuiram. O interesse político dos concessionários havia mudado radicalamente. Agora udenistas e pessedistas estavam unidos sob o manto da ARENA onde se abrigavam os líderes das duas correntes partidárias que antes se degladiavam. Embora a equipe que trabalhava com Zigelli permanecesse toda, o programa não era mais o mesmo. Aparentemente perdera a credibilidade.

Silveira Lopes[15], diretor de radiojornalismo da emissora e integrante da equipe desde 1968, em entrevista para este artigo reconhece que "*No Vanguarda, a responsabilidade era do*

[15] Então diretor da Divisão de Radiojornalismo da Rádio Diário da Manhã, redator e também um dos apresentadores do programa *Vanguarda.*

Galego (Zigelli), pois ele redigia, comentava e apresentava". Entretanto, lembra que *"apesar da titularidade do Zigelli, o Vanguarda tinha a mão de todos: Moacir Pereira, Walter Souza, Fernando Linhares, Antônio Caser e Augusto Melo".* O próprio Silveira Lopes era o substituto eventual de Adolfo Zigelli, embora comente "*que não era nada fácil".*

Procurando traçar um perfil, Silveira Lopes classifica o Vanguarda como um programa "eclético. (...) A vida da cidade girava durante os 30 minutos de cada audição. Não havia lugar onde não tivesse um rádio ligado na RDM (Rádio Diário da Manhã)!. A diferença do programa, frente aos demais, era a CREDIBILIDADE".

Credibilidade, eis a questão. Mas, o que é credibilidade? Como se forma? De que é feita? O que faz a credibilidde de um determmiando programa de radiojornalismo? Pois, credibilidade é a questão básica que dá motivo à tese de doutorado sobre o tema de que se fala neste artigo. Afinal, o que determina o grau de credibilidade de um programa de rádio? O meio, a mensagem, o comunicador, a linguagem, o fato, a versão? Como reage a audiência a cada um destes fatores?

Este é o desafio para o qual a sorte está lançada.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Mídia Sonora**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.

REFERÊNCIAS

BONATO, Elissa. CORDEIRO, Nara. **A Vida de Adolfo Zigelli.** Florianópolis, 2003.Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina.

BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo.** Rio de Janeiro: Agir, 1959.

CALABRE, Lia. **A era do rádio.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CALDAS FILHO, Raul. **A arte de conviver com os conflitos.** O ESTADO. Florianópolis, 20 de julho de 1975. Caderno II, p. 4.

MEDEIROS, Ricardo. VIEIRA, Lúcia Helena. **História do Rádio em Santa Catarina.** Florianópolis: Insular, 1999.

MEDITSCH, Eduardo (org.). **Rádio e pânico, a guerra dos mundos 60 anos depois.** Florianópolis: Insular, 1998.

JAPIASSÚ, Hilton. MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

PEREIRA, Moacir. In ZIGELLI, Adolfo. **Hipólito da Costa -** o precursor da liberdade de imprensa. Florianópolis: Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Santa Catarina, 1977.

PEREIRA, Moacir. **Adolfo Zigelli, jornalismo de *Vanguarda*.** Florianópolis: Insular, 2000.